Introdução

1. Para começo de conversa

> "Devo reconhecer que produzi tão-somente ensaios, gênero incerto onde a escritura rivaliza com a análise."[1]

Rio de Janeiro, verão, 2014.

Há 16 anos apareciam os primeiros blogs no Brasil[2]. E há pelo menos oito anos eu iniciava meu primeiro blog – que já não está no ar e não por escolha minha. Na Argentina, 70% dos jovens têm relação com blogs: tiveram, têm ou lêem esses espaços com frequência. Hoje, as chamadas redes sociais são muitas e diversas quanto a sua forma de apresentação e interação. Como pensar o impacto que essa grande rede de comunicação teve e tem, na vida e na escrita?

Se a internet expandiu muito o uso da escrita e revolucionou sua sintaxe e estilos, nem a chamada "escrita íntima" ficou imune a essas transformações. Diários de papel deram lugar a teclados, mouses e telas. Milhares delas. Infinitas vozes que agora encontravam o ciberespaço como lugar para serem ouvidas, por um, dois, ou incontáveis leitores. Conhecidos ou não.

Através da escrita na internet, identidades são desconstruídas e reconstruídas, em uma miríade de relatos que se entrecruzam e dialogam como um rizoma, uma teia catártica de libertação virtual dentro de uma sociedade em que o indivíduo é cada vez mais vigiado. E a sensação de liberdade torna-se cada vez mais abafada e restrita a locais privados. É diferente sentir-se exposto e escolher expor-se.

O autor de blogs atravessa uma quase contradição ao escrever sobre si próprio na internet; através dessa ferramenta de comunicação de massa, a barreira rompe-se: o privado torna-se público. De sua casa, de seu ambiente íntimo, sua toca, o indivíduo digita seu cotidiano, as impressões de seu olhar para fora de casa e para dentro de si. Enquanto escreve, lembra, pensa, lê outros blogs, conversa em chats. O que se configura é um ser fragmentado, um conjunto de emoções e

[1] BARTHES, Roland. *Aula.* São Paulo: Cultrix, 2007, p. 7.

[2] <http://web.archive.org/web/20030418225153/www.pl4y.com.br/players/ler.asp?id=51973> entrevista para site realizada com a primeira blogueira do Brasil, a gaúcha Viviane, de então 19 anos, estudante de Letras, que escrevia em inglês.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

pensamentos que escorrem das mãos para a tela. Mas ainda que o autor esteja sozinho, não há solidão. Os blogs permitem criar uma rede de escrita criativa e afetiva. O mundo virtual não substitui a vida física, estes se aderem, complementando-se. A internet é mais um espaço de convivência social, a somar-se à família, à escola, ao teatro, aos cursinhos, aos vizinhos, etc. Ainda que distantes fisicamente, esta tecnologia permite a aproximação, seja de familiares e amigos, seja de pessoas com quem compartilhamos afinidades, mas que, na vida (real, presencial), jamais teríamos a chance de conhecer. A internet como uma grande rede de oportunidades e possibilidades. O real e o virtual convivendo paralela e simultaneamente.

A poeta e também companheira deste mestrado, Alice Sant'Anna, escreveu no blog da editora Cosac Naify um texto afirmando justamente o poder da palavra com a potência da internet (e vice-versa), ilustrada pelo filme, que já amo sem ainda ter assistido, *Her*, que aborda a história de um homem que se apaixona por uma voz feminina sem corpo com quem dialoga pelas ferramentas da tecnologia. Alice cita uma fala de Heloísa Buarque de Hollanda que, ao ser indagada se a escrita estava perdendo espaço para a imagem, tão presente no século XXI, trouxe como resposta esta observação decisiva: "a palavra nunca foi tão poderosa. Tudo é palavra: o chat do facebook, do Gtalk, do Whatsapp, do SMS, as abreviações. 'A palavra explodiu', fala Heloisa. 'Não fica mais presa ao texto'".[3]

O que lemos nestes textos de estilo confessional que circulam virtualmente? Autoficcção? Autobiografia? Autofalsabiografia? O blog como gênero relativamente novo assemelha-se em muitos aspectos aos antigos diários íntimos, mas com o plus da exposição e do diálogo, pois os leitores podem comentar e fazer sugestões, desfazendo assim a ordem linear do discurso. O diário virtual pode passar por milhares de mãos (ou melhor, milhares de olhos) ao mesmo tempo. Pode, inclusive, ser lido quase que simultaneamente à escrita do texto. O autor "posta" e de pronto alguém o lê e comenta, o autor responde, outro leitor comenta, visitam-se em seus espaços virtuais e, assim, novos fios começam a cruzar-se nessa teia. O diálogo não é mais limitado a "emissor – mensagem -

[3] <http://editora.cosacnaify.com.br/blog/?p=15446> publicado em 20/02/2014

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

receptor", há todo um desdobramento, reciprocidade e alternância de papéis e funções.

O que pretendo, com essa pesquisa, é abordar o cenário de escrita dos blogs abrindo uma reflexão sobre a importância da internet como forma peculiar de construção de história – as pequenas histórias, a experiência dos anônimos –, de memória (como lembranças transformadas, apropriadas, inventadas), e de identidade (como traços caracterizadores de personas forjadas por uma escrita coloquial visando capturar leitores em constante trânsito). Proponho-me examinar esse delineamento de história, memória e produções identitárias proporcionado pela escrita de si e pela leitura do outro através de uma discussão analítico-crítica a respeito desse modo de fixação temporária da escrita, território em constante transformação. A análise levará em conta as características semelhantes e divergentes dos diversos autores e propostas de seus espaços.

Tomo como objeto, principalmente, as escritas que nomeio "poético-recordativas", pois produzem um acervo de lembranças que circulam entre autores – professores, escritores, cantores, compositores, estudantes, atrizes, pais e mães – e incontáveis leitores. Assim, ambos os lados delineiam seus perfis enquanto se visitam nestes espaços, constituindo uma multiplicidade de perspectivas, entre as quais me incluo com os próprios blogs que mantenho até hoje. Durante as leituras para essa dissertação, a cada nova página lida de livro ou na web, fui (re)descobrindo-me como blogueira e como ser humano.

Entre os usos da escrita de blogs busco observar os de registro da memória, experimentação para livro, ou ainda simples extensão do caminho "natural": diário > agenda > fotolog / blog. Deslocando o olhar investigativo entre esses espaços virtuais dos blogs, formula-se e debate-se uma série de questões: Como a plataforma virtual interfere na produção e recepção da escrita? Como e por que se escreve? Como se lê? Que "armas" afetivo-intelectuais são utilizadas? O objetivo é contribuir para a caracterização de como a internet vem-se inserindo na vida intelectual da atualidade e, mais, em nossas vidas.

O tema desta dissertação, a escrita dos blogs, vem sendo meu objeto de pesquisa há um bom tempo. Mantendo blogs na internet com postagens frequentes, visitando blogs com assiduidade, vou formando mais do que uma simples opinião sobre a importância desse uso da linguagem para o conhecimento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

da cultura contemporânea. A vertente que me interessa, na multiplicidade de produções nesse formato, é a das adaptações ao espaço virtual das modalidades tradicionais da "escrita de si", seja com ênfase na memória pessoal e na auto-análise, seja no cenário sócio-político, como meio de intervenção livre e autônoma.

Para transformar minha prática e minha curiosidade em estudo crítico, procedi, menos como um membro da academia e mais como um investigador independente que se serve de bibliografia especializada e metodologia científica em certa medida mas não me limitando a esses apoios, buscando na experiência cotidiana dados para desenvolver atividades de análise e avaliação. Como estudante de literatura, observo a construção dos textos postados com o intuito de delinear mais um aspecto do que se tem chamado de desenvolvimento "expandido" da arte da palavra. Sendo assim, recorro a alguns teóricos da literatura e às considerações de poetas-críticos atuais para conduzir meus raciocínios.

Tendo partido do pressuposto de que os usos não especializados das ferramentas tecnológicas vêm produzindo conhecimento consistente, capaz de atravessar a fronteira do saber sistemático, mantenho as formulações a que me levam minhas observações e questionamentos a meio caminho entre o saber prático e o teórico, a coloquialidade e a literatura. Em algumas partes dos capítulos, escrevo em uma espécie de pastiche do estilo do meu blog para que a tarefa de auto-crítica seja praticamente simultânea à construção do meu objeto – ou vou mesclando em meu texto auto-questionador amostras da escrita blogueira de contemporâneos e da minha própria, no propósito de levantar questões que nos ajudem a participar dos diálogos (virtuais e presenciais) contemporâneos de uma perspectiva interessada e crítica.

1.1 Eu blogueira

Lembro que, em Cabo Frio, onde eu morava, meu pai, que é analista de sistemas, teve que ir a outra cidade, Araruama, para buscar o primeiro computador de nossa casa. Uma aventura. E fui a primeira dos meus amigos a ter um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

computador > acesso a internet > e-mail > fotolog > blog > ICQ > orkut > facebook > twitter. Só não fui a primeira dos meus a utilizar o instagram porque dependia de um aparelho celular mais moderno e relutei a comprá-lo, por questão financeira e questão de escolha; eu achava que seria mais dependente da internet se tivesse um aparelho celular com acesso a ela.

A geração posterior à minha, os que nasceram após a internet, não se lembrarão desse início, da linha de telefone ocupada para dar lugar aos anseios internéticos, da demora que para carregar uma foto em site, um arquivo no email. Ou esperar dar meia-noite (quando a conexão ficava mais barata) para entrar na internet, ouvir o barulho da discagem, o sinal de ocupado, e repetir a operação outra e outra vez. Hoje é tudo bem mais simples. Os computadores sem cabo, sem mouse, os ipads, iphones, os celulares que acessam a internet, as redes gratuitas de wi-fi. Em Rosario, na Argentina, praticamente todo lugar disponibilizava acesso à internet aos clientes, de livrarias-cafés a sorveterias. Voltando ao Rio de Janeiro senti muita falta dessa internet realmente livre. Com a popularização crescente, pode-se, em grandes cidades, ficar conectado 24 horas por dia, se se quiser. Acredito não ser muito saudável. Questão de escolha, outra vez. Sabemos que o uso de computadores (ou da tela do celular) antes de dormir pode gerar insônia e agitação. Mas sabemos também que esse costuma ser um dos horários preferidos para os que navegam na rede e escrevem em blogs. É importante apropriar-se da internet e usufruir de seus benefícios, e não ser apropriado por ela. Em pequenas doses diárias, vez ou outra, é importante desconectar-se.

Desde que soube que a internet poderia proporcionar mais do que trocas de e-mails, me aventurei a desbravá-la e, assim, conhecer outros meios de comunicar-me e até de conhecer novas pessoas. Sempre gostei do contato com o outro, mas como era uma adolescente tímida (a internet apareceu domesticamente por volta dos meus 12, 13 anos), a rede virtual me proporcionava esse novo contato. Tive muitos amigos por correspondência, de várias partes do país, e trocávamos observações sobre tudo, banalidades, músicas... Guardo estas cartas comigo. Mas é pena que não tenho acesso às minhas próprias escritas, as cartas que enviei. Não me lembro com exatidão se primeiro tive um blog ou um fotolog. Meus primeiros, em ambos espaços, não estão mais no ar. E, insisto, não foi escolha minha. A diferença básica entre eles é que no blog o foco é o texto (ainda

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

que se permitam imagens e até vídeos – hoje em dia) e, no fotolog, o foco é a imagem (ainda que se permitissem textos e que muitos usuários como eu escrevessem dezenas de linhas abaixo de cada foto postada). Hoje, poucos utilizam os diversos servidores que oferecem páginas de fotologs e muitos aderiram (como eu e a grande maioria de meus amigos) ao instagram, rede social de fotos (e agora pequenos vídeos) compartilhadas, especificamente, pelo celular.

Como eu escrevia muito no fotolog, para mim era praticamente como se fosse mais um blog. Mas a internet fez evaporarem meus primeiros registros em rede. Esse é um dos problemas do teor imprevisível e inconstante da rede (mas resulta em vantagem, quando é sua a escolha de tirar sua página do ar). Para quem não chegou a conhecer os fotologs, era permitido uma conta e havia a opção de assinar (pagando) o site para poder postar mais (!) que as três fotos diárias permitidas. Tornou-se uma febre, entre adolescentes principalmente. Foi o início do orkut e do que viria a ser o facebook hoje. Grupos sociais eram gerados por esses sites, a troca era grande. Não havia como "curtir"[4] uma foto, mas permitia-se fazer comentários e ter amigos para acompanhar suas atualizações de fotos (e textos). Isso há dez anos. O Brasil sempre teve números muito altos de participações nesses sites de relacionamento. Tanto que alguns sites provedores estipulavam, de início, um número máximo de usuários por país, e era preciso forjar outra nacionalidade para ter, enfim, a tão sonhada conta no fotolog. Estreitei alguns laços de amizade e conheci pessoas (poucas pessoalmente, verdade) através desse meio social. Conheço um casal que viveu junto seis anos e se conheceu mais intimamente (apesar de terem amigos em comum) via fotolog. É a prova de que a internet distancia mas também aproxima. E muito. E principalmente.

Pedro Fonseca é um exemplo dessa relação tão estreita entre os mundos virtual e real. O publicitário, desde que descobriu o prazer da escrita, vem desenvolvendo projetos de contato e troca na rede: já recebeu fotos de centenas de pessoas e as devolveu criando histórias para cada uma delas[5], mantém um blog de cartas para seus filhos[6] (que será abordado aqui), e acabou de dar início ao site

[4] Na internet a opção "curtir" não é abstrata, ela é uma linguagem visual. É preciso fazer um click na opção "curtir" para que visualmente apareça escrito que o usuário gostou de uma foto, postagem ou comentário.
[5] www.lojadehistorias.com
[6] www.doseupai.com

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

"me convida"[7], em que pede que os leitores lhe façam convites dos mais variados. Segundo ele próprio, tal proposta tem o objetivo de levá-lo a "conectar-se a pessoas legais" e "criar conexões". Os convites podem ser variados: desde uma macarronada tradicional de domingo, um ensaio de banda, ao nascimento de um filho. Por isso, convidei-o a vir à defesa desta dissertação.

O blog que mantenho até hoje[8] nasceu em 5 de maio de 2007. Eu tinha 22 anos, estava começando meu segundo ano na faculdade, morando longe dos pais, e postei uma música da Adriana Calcanhotto que me inspirou para nomear-me na rede[9]. Meu primeiro blog era apenas *Bagatelas*, mas o provedor onde eu o mantinha acabou e meu blog com todos seus escritos e comentários virou poeira no espaço. Virtual. Depois passei a escrever neste atual blog com certa assiduidade e freqüentava outros blogs ativamente também. Hoje é raro fazer visitas. Na segunda postagem, neste blog, coloquei um texto de que me lembro até hoje com carinho, mais pela memória que evoca do que pela qualidade da escrita em si. O blog, para mim e para tantos outros "blogueiros" com quem converso, é uma forma de "memória para si". Talvez mesmo como um diário. Com o acréscimo de fotos, vídeos, links para outras páginas e... comentários de leitores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

1.2 De Yoani a mim, um caminho acadêmico

Durante minha graduação em Letras (Espanhol) na UFF, participei de um projeto de criação e aplicação de material para um ensino mais lúdico da língua espanhola aos pequenos. A "Oficina de jogos e brincadeiras em língua estrangeira" funcionava com apoio financeiro da CAPES e foi colocada em prática no Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI), ao lado do campus de Letras. Mas foi um quase-desastre. As aulas que não deveriam ser obrigatórias acabaram entrando no horário de aula de um professor de música que havia saído da escola (por problemas com alunos). O colégio era um CIEP onde se desenvolviam muitas atividades dirigidas por profissionais com energia mas também havia dificuldades. Nossos trabalhos não haviam sido desenvolvidos para

[7] http://me-convida.squarespace.com/
[8] www.outrasbagatelas.blogspot.com
[9] http://outrasbagatelas.blogspot.com.br/2007/05/inspirao.html
(as postagens encontram-se também para leitura no anexo final desta dissertação)

tantos alunos nem para tantos horários. Improvisações, frustações, experiência. Mas no último dia de aula, claro, os alunos choraram porque íamos embora. Sempre tive problemas com controle de disciplina dos alunos, na mesma medida em que sempre amei estar em contato e conversar com eles. Tudo isso para dizer que, na minha formação de Letras, pude optar, ao final, entre escrever uma monografia ou utilizar essa oficina e sua carga horária como opção. Escolhi a segunda alternativa. Escrevi um relatório anexando as atividades realizadas e formei-me, valorizando mais a prática do que a escrita formal acadêmica, muito também por medo dessa última.

Vivi com uma mulher que escrevia sua tese de doutorado. Ela é pintora. A escrita lhe doía, ainda que ela escrevesse muito bem e que fosse mais, digamos, "teórica" e tivesse mais interesses filosóficos do que eu. Em seus agradecimentos, ela me incluiu mencionando minhas qualidades de paciência e companheirismo em seus momentos de descrença e fúria com a escrita. Tempos complicados. É difícil escrever quando se precisa viver. Quase parafraseando Clarice Lispector, é preciso escrever apesar de[10].

Um ano depois de minha graduação, por não ter experiência de escrita acadêmica, fui fazer uma especialização no departamento de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em um curso de Literaturas Hispanoamericanas de dois semestres. Foi fundamental. Os professores abriram muitas portas de pensamento e possibilidades e um deles, inclusive, abriu-me a porta do armário de escritora, incentivando-me a assumir-me como tal. Com sugestão do entusiasmado pelo tema Cuba, o professor Ary Pimentel indicou-me meu primeiro objeto de estudo, a escrita do blog da cubana Yoani Sánchez.

Logo na minha primeira apresentação sobre a pesquisa[11], na própria UFRJ (e posteriormente nos primeiros debates em aula no mestrado da PUC), deparei-me com a dificuldade principal deste tema, a questão política em que Yoani está inserida. Eu, que sempre fui defensora de uma política de esquerda, no sentido de governar-se para todos com maior atenção aos mais necessitados; eu, que sempre fui defensora da liberdade de expressão e pensamento, fui acusada do contrário,

[10] "Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente." LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.*

11 "O novo intelectual cubano ganha voz no ciberespaço: Yoani Sánchez e o blog Generación Y", trabalho apresentado no IV Simpósio Internacional de Letras Neolatinas, 2011.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

simplesmente por ter escolhido seus textos como objeto de estudo. Acusada inclusive por uma amiga que tinha poster do Che Guevara no quarto e havia passado um mês em Cuba trabalhando em colheita de laranjas. Antes de analisar seus textos, analisam a pessoa Yoani. As posições da blogueira cubana levantam dúvidas a que não sei responder e acendem polêmicas que não me interessam como estudante de Letras. Yoani escreve um blog, de sua casa, retratando um governo que a impede de expressar-se contra ele. Este é o fato. Se ela mente, exagera, se há financiamento dos Estados Unidos, não se tem certeza. Trata-se de um tema realmente delicado e, talvez, só vivendo Cuba, eu pudesse realmente aproximar-me da "verdade", ou ficar a par das inúmeras verdades que convivem na ilha.

Ainda assim, intriga-me o alcance que palavras escritas na internet podem ter em um mundo onde as grandes mídias parecem sufocar-nos com suas ditas verdades. Cada vez mais as mídias alternativas presentes nos mais variados suportes (youtube, facebook, twittcam, etc) estabelecem novas possibilidades de miradas frente aos acontecimentos e a capacidade de mobilização social via internet também é estrondosa e incomensurável.

Na montagem de minha primeira apresentação de pesquisa[12] já cursando o mestrado na PUC, os blogs constituídos pelas as escritas de si já começavam a dividir espaço com os "blogueiros da China", Yoani Sánchez e a jovem Isadora Faber. Meu interesse de praticante e observadora de escritas pessoais, divulgadas em rede, já considerava que as operações de autorretrato (propositalmente investigando a potência de si mesmo, enquanto sujeito do conhecimento) deveriam incluir o balanço das consequências da auto-avaliação pública para a crítica e a reforma da sociedade.

Em página do facebook intitulada *Diário de Classe, a verdade...*, Isadora pedia melhoras no ensino e nas condições físicas da escola estadual em que estudava, em Florianópolis, Santa Catarina. Chegou a mais de 600 mil "seguidores", recebendo diversos tipos de ameaças mas também contando com apoio de políticos e jornalistas. Hoje a menina se formou no Ensino Fundamental, começou a estudar pela primeira vez em uma escola particular (a sua antiga escola

[12] "Os novos intelectuais ganham voz através do ciberespaço: blogueiros e a escrita de si", trabalho apresentado no Seminário Letras Expandidas, PUC-Rio, 2012.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

não tinha Ensino Médio) e criou uma ONG[13], que leva seu nome, para ajudar outras escolas. A possibilidade que os até então "anônimos" têm de se fazer ouvir através da internet me é fascinante. Pois, quem não vive em Cuba, na China ou em outro país com restrições à liberdade, jamais saberá ao certo o que passam os que lá vivem. Quem nunca estudou, estagiou ou visitou uma escola pública talvez não compreenda como é a situação dos que lá estudam. Mesmo os mais bem intencionados antropólogos que dão voz a muitos, uma voz uniforme e abrangente jamais dirá o que pode dizer a voz sem intermediários, vinda diretamente do indivíduo para nossos ouvidos (ou olhos). A internet permite outro caminho à escrita padronizada e autoritária.

Contudo, sou blogueira. Não posso imaginar-me sem a escrita nos meus dias. E, ainda que nem tudo o que eu escreva vá para a plataforma virtual, ainda que o facebook venha tomando espaço quase exclusivo entre as redes sociais da internet, o blog me possibilita um espaço, um escape, estreita laços e cria novos a partir de afinidades. Ainda que eu tenha "conta" em vários espaços diferentes (twitter, instagram, facebook, tumblr...) é no blog que me encontro, me revelo, me descubro. A maioria dos blogs que acompanho é de escritas íntimas, muitas vezes com intenções de arquivar alguma memória do passado para ser lida no futuro. Até mesmo os textos de Yoani e da pequena Isadora são permeados por seus olhares cotidianos, seus afetos. Assim, mesmo admitindo a importância das imposições políticas e do tratamento incisivo que esta recebe, nos blogs mencionados, passei a dar destaque, neste ensaio de indagações (auto)críticas, às postagens onde se busca trabalhar a linguagem de modo a construir, no espaço virtual, uma invenção exploratória do íntimo.

Em conversa com minha co-orientadora durante o intercâmbio na Argentina[14], Mónica Bernabé, da Universidad Nacional de Rosario, percebemos que eu não daria conta de todo esse oceano de informações. Eu precisaria fazer escolhas. Já na minha Qualificação de Mestrado os professores presentes me haviam alertado a este fato. É verdade também que muitos dos meus livros preferidos são de certa maneira "escritas de si". E, aos poucos, com percepção e pesquisa, em meu caminho acadêmico, as atividades próprias da memória

[13] http://www.ongisadorafaber.org.br/ONG_Isadora/Objetivos.html

[14] Programa entre a Universidad Nacional de Rosario e a PUC-Rio com bolsa da CAPES para o período de três inesquecíveis e importantes meses que passei na Argentina, freqüentando aulas na Universidade e em outras instituições e entrando em contato com estas novas miradas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

(registrar fatos reexperimentando-os no contexto do momento, recuperar lembranças com o suplemento da imaginação, confrontar fotos e anotações com o que se recorda espontaneamente) foram-me instigando de tal forma que, hoje, escrevo essa dissertação dando ênfase às escritas que as elaboram procurando servir-se das estratégias da arte.

Em conversas com outros blogueiros e através de minha própria experiência prática, percebi que o blog é uma das melhores formas de se guardar um escrito online. Um fato triste e revoltante que ocorreu com a uma amiga ilustra isso. Ela e sua namorada foram agredidas fisicamente por dois homens ao saírem de um bloco de carnaval no centro do Rio de Janeiro, essa cidade cada vez menos maravilhosa e cada vez mais intolerante. Uma delas fez um comunicado no facebook onde teve 800 compartilhamentos e trouxe, junto à corrente de pessoas divulgando a notícia, ajuda, conselhos e atenção da mídia, que deu destaque ao caso[15]. Escrevi um texto em minha página do facebook, falando sobre homobofia e machismo, ilustrado com algumas imagens com dados sobre os fatos, que "colhi" no site Google, além de link para dois excelentes vídeos sobre os temas, e muitas pessoas comentaram, partilhando e acrescentando suas vozes a minha opinião. Depois, com receio de perder este escrito, publiquei-o em meu blog, sem muita preocupação com a apresentação estética, apenas como uma maneira de arquivar um escrito que eu considerava importante existir na rede virtual. Uma amiga que por acaso visitava meu blog viu tal texto, copiou o link, compartilhou-o em sua página do facebook e, desde então, mais de 60 pessoas o compartilharam (até onde posso medir). Não podemos calcular quantas pessoas leram, mas o blog tem ferramentas que permitem rastrear visualizações e comentários. As maiores visualizações de textos no meu principal blog, foram entre 50 e 200, mas a média é de dez entradas. O texto *Sobre Vanessa e todas nós*[16] teve incríveis 911 visualizações (ainda que nenhum comentário).

Isso me leva a pensar na importância do facebook como ferramenta de divulgação e debate, mas também que o blog ainda é a melhor forma de escrever e arquivar pensamentos, memórias, artigos, poemas e opiniões. Em entrevista com a

[15] <http://extra.globo.com/casos-de-policia/casal-gay-agredido-no-centro-apos-bloco-de-carnaval-11649297.html>
[16] <http://outrasbagatelas.blogspot.com.br/2014/02/sobre-vanessa-e-todas-nos.html>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

professora de mídias e blogueira Ana Enne[17], indaguei-lhe sobre o fato de, por vezes, compartilhar os textos de seu blog também em sua página do facebook, onde os comentários são menores em tamanho porém mais numerosos. Ela comentou que usa ambos espaços como forma de expressão, mas que, no blog, escreve o que "gostaria que permanecesse, que não sumisse no fluxo do FB[18]". Segundo ela, o facebook "é mais imediato, o povo comenta na hora, é rápida a interação, mas acho menos intensa. Quem lê e comenta no blog em geral escreve comentários maiores, mais intensos".

Vivemos talvez um momento utópico de uma revolução digital. Estamos mais conectados, percebemos, por exemplo, com a recente vitória dos garis e sua greve de uma semana em pleno carnaval do Rio de Janeiro, que mudanças podem ocorrer com a união de minorias ou classes consideradas fracas pelo Estado. Com a organização, mobilização e apoio via internet, pudemos compreender que somos agentes dessa mudança. Nas primeiras manifestações na cidade, muitos jovens se organizaram por "eventos" criados na página do Facebook e foram para as ruas. Luiza Sposito compartilhou uma foto, que reproduzo abaixo, de uma dessas passeatas. Nessa imagem, um jovem segura um cartaz onde se lê: SAIMOS DO FACEBOOK[19]. A primeira interpretação a que a frase nos remete é a de que os manifestantes não se acomodaram somente ao espaço virtual e saíram de suas casas para serem vistos também fisicamente.

No início dos protestos, muitos cartazes traziam frases como "sai da internet e vem pra rua", em chamado, pois quanto mais gente presente no movimento, maior seria sua visibilidade. A mobilização somente na internet não era suficiente. Era preciso mudar o trânsito, fazer-se visto pelos que não utilizam as redes sociais, mexer nas estruturas da cidade, causar incômodo, desconforto ao governo. Luiza, porém, observou, com certo humor que a frase do cartaz oferecia um duplo sentido capaz de sintetizar todo o acontecimento: sair do facebook como engajamento físico nas ruas mas também como ponto de origem que garantiu o impacto social do movimento. Vindos da internet, os jovens foram às ruas.

[17] Professora do departamento de Estudos Culturais e Mídias e do programa de pós-graduação em Cultura e Territorialidades da UFF, graduada em Comunicação Social pela PUC-Rio e doutora em Antropologia pela UFRJ. (entrevistas completas no anexo desta dissertação, capítulo V).
[18] Abreviação para facebook.
[19] Junho de 2013, página do facebook de Luiza Sposito, que foi aluna deste mesmo curso de mestrado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

Gerado pelo facebook, o movimento tomou força e cresceu. Luiza utiliza a expressão "deslogamos", própria de uso na internet, para dizer que os jovens se "desconectaram" da rede virtual para irem protestar com outras milhares de pessoas, caminhando pela cidade. Graças também a este espaço, a mobilização acontece, combinam-se locais, data e hora, e a rede social funciona ainda como espaço tanto de divulgação de injustiças que ocorrem (através de fotos, vídeos e textos, na própria página do facebook ou com links para outras), quanto de acesso a pessoas antes pouco preocupadas com a vida política do país. Luiza termina dizendo: "Saímos do facebook, mesmo, em todos os sentidos. Que bom", substituindo o ponto final ou de exclamação pelo emoticon de uma carinha redonda piscando um de seus olhos, leve e esperta.

Figura 1 – Reprodução de página do Facebook de Luiza Sposito.

Assim como a linguagem econômica dos cartazes e palavras de ordem, nas manifestações, a escrita nos diferentes espaços da internet tem a potência da economia que responde à necessidade de afetar o outro com rapidez e precisão. Mesmo o uso descuidado da língua pode apresentar construções impactantes, seja por seu imediatismo, seja por condensar mais de um sentido, exigindo atenção perspicaz do leitor. O interesse deste estudo, voltado, principalmente, para as escritas que trazem alguma elaboração literária, justifica-se por quebrar o preconceito de que a internet incentiva os erros de gramática. O que se busca, ao contrário, é identificar, na velocidade das comunicações circunstanciais,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

particularidades no uso das palavras e intuições de interferências no léxico, na morfologia ou no sentido de modo a revitalizar o coloquial estereotipado.

Convido todos, pois, a lerem esse escrito não-virtual sobre a escrita virtual, a descobrir novos espaços afetivos e, quem sabe, visitá-los na internet durante essa leitura. Ou posteriormente. Que nossa conversa aqui possa prolongar-se pós-texto e mesmo após o encontro físico, a defesa desta dissertação, com data e hora marcadas via email. Que meu blog possa ser uma ponte de contato, e que todos os outros endereços aqui citados possam também fazer parte de seus percursos de leituras. Que este ensaio possa contribuir para o enriquecimento desse debate importante sobre a escrita no espaço virtual, esperando que a internet possa ser, cada vez mais, espaço de voz dos ninguéns, estes que somos todos nós:

> "Que no son, aunque sean.
> (...)
> Que no tienen nombre, sino número.
> Que no figuran en la historia universal,
> sino en la crónica roja de la prensa local.
> Los nadie."[20]

p.s.: há coisas que só a internet faz por você:

Eduardo Galeano lê "Los Nadies" (vídeo e texto em espanhol)[21]

Amora Pêra lê, durante show, "Os Ninguéns" (vídeo e texto em português)[22]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211718/CA

[20] GALEANO, Eduardo. Libro de los abrazos.
[21] Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=GrI0xYEndT0&feature=youtu.be> Acesso em: mar. 2014.
[22] Disponível em: <http://musica.com.br/artistas/amora-pera/m/os-ninguens/letra.html> Acesso em: mar. 2014.